

## RELATÓRIO CIENTÍFICO DE AUXÍLIO<sup>1</sup>

**OUTORGADO (A):** Telma Moreira Vianna Magalhães

**PROCESSO Nº:** 60030000242/2017

**PROGRAMA/EDITAL:** 13/2016

**TÍTULO DO PROJETO:** Aquisição e Aprendizagem de Gramática

**ÁREA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO:** Linguística

**RELATÓRIO CIENTÍFICO:**

( ) Parcial ( x ) Final

Maceió, 30 de abril de 2018.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Outorgado

<sup>1</sup> O Relatório Científico deverá ser entregue obrigatoriamente em formato eletrônico (CD-ROM) e outro encadernado.

## RESUMO

Várias pesquisas mostram que há uma grande diferença entre a gramática da fala e a “gramática” da escrita no Brasil (CORREA, 1991; CORREA 1999a; CORREA, 1999b; KATO, 1999; KATO, 2005; MAGALHÃES, 2000, TARALLO, 1996). Segundo Tarallo (1996: 70): *“O perfil da nossa gramática brasileira (no sentido da gramática normativa) tem sido ditado pela tradição portuguesa e só esse fato torna o vácuo entre língua oral e escrita muito mais profundo no Brasil do que em Portugal”*. Kato (2005: 131) afirma que *“No Brasil, ao contrário do que ocorre em Portugal, a gramática da fala e a ”gramática” da escrita apresentam uma distância de tal ordem que a aquisição desta pela criança pode ter a natureza da aprendizagem de uma segunda língua. A situação é ainda mais problemática porque não há estudos comparativos entre o conhecimento linguístico que a criança traz para a escola e o conhecimento dos letrados contemporâneos, comparação essa que poderia auxiliar a escola em sua tarefa de letramento”*.

Este projeto tem como principal objetivo fazer estudos comparativos entre o conhecimento do português brasileiro (PB) que a criança traz para a escola e o conhecimento que o estudante apresenta após anos de aprendizagem do português na escola no tange a aspectos sintáticos. Busca-se responder às seguintes questões: (i) O que a criança brasileira traz de sua gramática, fixada durante o processo de aquisição, para a escola? (ii) Que estratégias os estudantes utilizam para fazerem uso, na escrita, de formas gramaticais que não estão mais presentes na gramática nuclear do PB? (iii) Com o aprendizado da gramática do português na escola, as crianças trariam para as suas produções espontâneas formas gramaticais não mais encontradas na gramática nuclear do PB? (iv) Qual é o conhecimento do letrado brasileiro após anos de aprendizado do português na escola com relação as formas gramaticais que desapareceram da gramática nuclear do PB ou que estão no limiar do desaparecimento?

Considerando a distinção existente entre a gramática da fala e a gramática da escrita e as conclusões a que chegaram os trabalhos supracitados no que tange a aspectos sintáticos em processo de mudança na gramática PB, assumimos que as formas gramaticais que passaram por um processo de mudança nesta língua, somente surgirão nos dados da fala/escrita dos falantes do PB mediante o processo de escolarização.

O arcabouço teórico assumido para embasar a pesquisa é o da Teoria Gerativa, segundo a qual os seres humanos são dotados inatamente de um conhecimento linguístico rico e estruturado que os guia no processo de aquisição de uma língua, a Gramática Universal (GU). Para adquirir uma língua (gramática), o falante necessita somente estar inserido no ambiente linguístico da língua que está adquirindo, e não ter ultrapassado o chamado “período crítico” (cf. CHOMSKY, 1986), para ter as informações necessárias e suficientes para desenvolver o sistema linguístico correspondente a essa língua. Portanto, adquirir língua é um processo biológico inerente à espécie humana – um processo natural - no sentido de que ela se desenvolve sem a necessidade de correções ou instrução formal escolar.

## INTRODUÇÃO

Estudos comparativos do Português Europeu (PE) e do PB mostram que essas duas variedades do português apresentam diferenças em todos os níveis da gramática. Com relação aos níveis morfológicos e sintáticos, os estudos mostram que é no sistema flexional e pronominal que as distinções são mais visíveis (GALVES, 1983/1988 [2001]; 1998; PAGOTTO, 1993, NUNES, 1993, KATO, 1999, entre outros). Alguns deles propõem que as diferenças encontradas devem-se ao fato de as duas variedades terem gramáticas diferentes (GALVES, 1983/1988 [2001]; 1998). No entanto, como afirma Tarallo (1996), a gramática que é ensinada nas nossas escolas baseia-se em normas da gramática portuguesa, ou seja, a variedade do português que está descrita nas gramáticas normativas (GN) e que serve como modelo para as normas que os nossos alunos terão de usar na modalidade formal do português, pertence a uma gramática que não faz parte do conhecimento linguístico dos brasileiros. Assim sendo, estudar português torna-se uma tarefa bastante árdua para os alunos, uma vez que eles não conseguem ver qualquer relação entre a modalidade que estão aprendendo e a língua que sabem, apesar de lhes ser dito que estão aprendendo português.

Um excelente exemplo da distância que separa a gramática da fala da “gramática” da escrita no PB pode ser demonstrado através do uso dos clíticos como no exemplo 1:

(1) Onde está o livro que comprei?

R1. Coloquei-o na estante.

R2: Coloquei *e/le* na estante.

R3: Coloquei *cv* na estante.

Observe-se que diante de uma pergunta como em (1), o falante do PB pode responder da seguinte forma: (i) usar o clítico (R1) (uso prescrito pela GN); (ii) usar o pronome tônico (R2) (uso barrado pela GN) e, ainda, (iii) deixar a posição vazia (*cv*) como em (R3) (uso ignorado pela GN). A segunda opção (R2) é barrada na escrita por causa das regras impostas pela GN. Já a resposta em (3) sequer é mencionada como possível na GN apesar de ser a mais usada pelos falantes do PB como veremos mais adiante.

No que tange aos clíticos, Cyrino (1993; 1994; 2003) mostra que os clíticos de terceira pessoa não fazem mais parte da gramática do PB. Segundo Correa (1991), são necessários muitos anos de escolarização para que o falante do PB faça uso de alguns poucos clíticos na escrita. Magalhães (2006), analisando dados de aquisição inicial do PB, não encontra clíticos de terceira pessoa em tais dados. A autora encontra casos de pronomes tônicos ocupando a posição dos clíticos de terceira pessoa. Os resultados de Magalhães (2006) são compatíveis com as observações de que os clíticos de terceira pessoa não fazem mais parte da gramática “nuclear” do PB, resultado da fixação da gramática em situação natural de aquisição. No entanto, aos aprendizes da escrita do PB é ensinado que se deve usar o clítico de terceira pessoa e não o pronome tônico na posição de objeto direto.

Costa e Magalhães (2010) fazem um estudo da presença de clíticos nos dados de aquisição inicial e de redações escolares de alunos de 5º, 6º, 7º e 8º série do ensino fundamental da cidade de Vitória da Conquista (BA). Os resultados dos dados de fala conformam-se aos encontrados por Magalhães (2006), a saber: (i) não se encontram

clíticos de terceira pessoa, somente clíticos de primeira pessoa (2); (ii) encontram-se pronomes tônicos de primeira pessoa na posição de objeto (3):

(2) \*TAY: (Es)Tá com saudade de vovô Loro?  
\*JOA: **Me leva Tata.** (JOA - 2; 1. 11)

(3) \*ING: Oh ## leva tu?  
\*JOA: Leva **eu** Tata. (JOA - 2; 1. 11)

Nos dados de escrita, já é possível encontrar clíticos:

(4) “Tenho minhas amigas Yasmim e Natália. Para elas conto meus segredos. Eu **as** conheci na terceira série” (5<sup>o</sup> série).

(5) “Mas ele era diferente, andava triste por não ter quem cuidasse dele de verdade, quem **lhe** amasse e dava-**o** carinho. Como era natal ele torcia que uma família **o** adotasse”<sup>2</sup> (6<sup>o</sup> Série).

No entanto, encontram-se também pronomes tônicos na posição de objeto, conforme exemplos<sup>3</sup> (6) e (7) a seguir:

(6) “Mas eu amo **ele**. Como faço esquece **ele**”. (5<sup>o</sup> Série)

(7) “Junior chegou, ele perguntou quem eu queria ele perguntou quem eu queria ele ou Felipe. Eu quis Filipe mais arrepender. Terminei e fiquei com Junior eu amo muito **ele** e jamais trairia **ele** com mais ninguém de novo” (7<sup>o</sup> Série).

Considerando-se os exemplos (4) e (5) é possível perceber que a escola realmente contribui na recuperação e manutenção do clítico na escrita, como afirma Correa (1991). No entanto, vê-se também que tal recuperação é parcial, pois o conhecimento que é atingido através da instrução formal escolar difere daquele que o falante atinge no processo natural de aquisição de uma língua. Veja-se, por exemplo, o uso dos clíticos em (5): como o falante do PB não tem mais clítico na sua gramática, ele faz uso dessa categoria na escrita, mas demonstra não saber ao certo como usá-la (cf.: nota 2). É um uso diferente daquele de um falante do português europeu que tem o clítico na sua gramática natural. Ou mesmo, daquele ensinado pela escola.

Partindo, portanto, da distinção entre a gramática da fala e a gramática da escrita e das conclusões a que chegaram os trabalhos supracitados, assumimos que os itens gramaticais que passaram por um processo de mudança no PB, somente surgirão nos dados da fala/escrita dos falantes desta língua mediante o processo de escolarização. Este é o caso dos clíticos de terceira pessoa que, ausentes inicialmente da fala das crianças, tenderiam a aparecer na escrita à medida que os estudantes avancem nas séries escolares (CORREA, 1991). Para verificar tal hipótese, este projeto tem como objetivo principal fazer estudos comparativos entre o conhecimento do português brasileiro que a criança traz para a escola e o conhecimento que o estudante apresenta após anos de aprendizagem do português na escola.

Para realização da pesquisa, serão comparados dados de produção espontânea do período de aquisição natural do PB, dados de produções escritas de crianças e jovens

---

<sup>2</sup> Note-se, neste exemplo, que a criança usa os clíticos, mas confusão quanto ao seu emprego: usa o *lhe* como acusativo e *o* como dativo.

<sup>3</sup> Os exemplos foram retirados das redações sem correções.

que estão aprendendo a gramática do português na escola (textos escritos do ensino fundamental II).

A relevância e a importância desta pesquisa consistem no fato de, através da descrição e análise de dados de aquisição inicial do PB e da sua comparação com textos escritos de crianças que estão na fase de aprendizado do português na escola, termos acesso ao conhecimento linguístico que a criança tem ao chegar à escola e aquele que ela atinge depois de anos de aprendizado do português na escola. Buscamos, com este estudo, tentar entender as dificuldades apresentadas na aprendizagem de certos conteúdos gramaticais durante a aprendizagem escolar: (i) Estariam tais dificuldades relacionadas de alguma forma ao conhecimento atingido na aquisição natural da língua? (ii) As formas gramaticais que não fazem mais parte da gramática do PB seriam mais difíceis de aprender na escola? (iii) E as formas gramaticais que se encontram em um processo de variação na língua natural, seriam mais fáceis de aprender do que aquelas que já desapareceram?

Esperamos com os resultados encontrados na pesquisa, poder contribuir para um melhor entendimento do processo de aprendizagem do português na escola e, assim, poder colaborar com os educadores na tarefa de seleção dos conteúdos realmente relevantes para o aprendizado da gramática do português na escola.

## OBJETIVOS DO PROJETO APRESENTADO

### 1. Geral

O projeto tem como objetivo principal fazer estudos comparativos entre o conhecimento do português brasileiro que a criança traz para a escola e o conhecimento que o estudante apresenta após anos de aprendizagem do português na escola.

As perguntas que tentaremos de responder com a pesquisa são às seguintes questões:

1. O que a criança brasileira traz de sua gramática, fixada durante o processo de aquisição, para a escola?
2. Que estratégias os estudantes utilizam para fazerem uso, na escrita, de formas gramaticais que não estão mais presentes na gramática nuclear do PB?
3. Com o aprendizado da gramática do português na escola, as crianças trariam para as suas produções espontâneas formas gramaticais não mais encontradas na gramática nuclear do PB?
4. As formas gramaticais que não fazem mais parte da gramática do PB seriam mais difíceis de aprender na escola?
5. E as formas gramaticais que se encontram em um processo de variação na língua natural, seriam mais fáceis de aprender do que aquelas que já desapareceram?

4. Qual é o conhecimento do letrado brasileiro após anos de aprendizado do português na escola com relação às formas gramaticais que desapareceram da gramática nuclear do PB ou que estão no limiar do desaparecimento?

## 2. Específicos

Os objetivos específicos desta pesquisa são os seguintes:

1. Criar um Banco de Dados com todo material coletado e transcrito a fim de que esse material seja disponibilizado tanto para a comunidade científica da UFAL como de outras instituições nacionais e internacionais;

2. Analisar dados de crianças monolíngues que estão no processo de aquisição do PB e que ainda não estejam na fase de aprendizado da escrita para verificar as hipóteses sobre as mudanças linguística do PB;

3. Analisar dados de produções espontâneas de crianças que estão em fase de aprendizado do português na escola para verificar se, em virtude do contato com a gramática escolar, as crianças trariam para as suas produções espontâneas formas gramaticais não mais encontradas na gramática nuclear do PB.

4. Comparar os resultados encontrados com análise dos dados das crianças com aqueles encontrados na pesquisa com textos escritos de alunos do ensino fundamental I e II, buscando verificar até que ponto a escola consegue recuperar as perdas linguísticas da gramática do PB por causa do processo de mudança.

## METODOLOGIA

Para realização da pesquisa, serão comparados dados de produção espontânea do período de aquisição natural do PB com dados de produções escritas de crianças e jovens que estão aprendendo a gramática do português na escola (textos escritos do ensino fundamental I e II).

O *corpus* deste estudo é composto de produções espontâneas de crianças brasileiras, monolíngues (com idade entre 2;0.0 e 3;7.0) e de textos escritos (narrações)<sup>4</sup> de alunos do ensino fundamental e médio).

Quadro (1) Dados de Aquisição

| Criança      | Idade de início da gravação | Local                     | Número de Arquivos gravados | Escolaridade dos pais                     |
|--------------|-----------------------------|---------------------------|-----------------------------|---|
| Mariana      | 2;7.19                      | Vitoria da Conquista (BA) | 12                          | Pai: ensino médio<br>Mãe: ensino superior |
| João Emanuel | 2;0.0                       | Vitoria da Conquista (BA) | 23                          | Mãe: ensino médio Pai: ensino fundamental |
| Ana          | 2;4.11                      | Campinas (SP)             | 7                           | Nível superior                            |
| Gabriel      | 2;11                        | Maceió                    | 10                          | Nível superior                            |
| Raul         | 3;2.0                       | Maceió                    | 10                          | Nível superior                            |
| Ângela       | 3;5.0                       | Maceió                    | 10                          | Nível superior                            |
| Lizandra     | 3;1.0                       | Maceió                    | 10                          | Ensino Médio Incompleto                   |
| Débora       | 3;5.0                       | Maceió                    | 10                          | Ensino Médio Incompleto                   |
| Robert       | 3;7.0                       | Maceió                    | 10                          | Ensino Médio Incompleto                   |

As produções de Campinas e Vitória da Conquista foram coletadas para as pesquisas de Magalhães (2006a) e (2006b), respectivamente<sup>5</sup>. Os dados de aquisição do dialeto de Maceió foram gravados por Cláudia Roberta Tavares da Silva durante sua pesquisa como recém-doutora na Universidade Federal de Alagoas.

Como salienta Kayne (1996, 2000), os estudos comparativos sobre a sintaxe das línguas e dos dialetos se revelam muito promissores quando se pretende obter uma ampla compreensão da fixação de parâmetros nessas línguas e dialetos, bem como explicações para a questão das unidades mínima de variação sintática.

Para a realização da coleta de dados que compõem os *corpora* de aquisição deste projeto, foram realizadas gravações de interações espontâneas entre os pais e as crianças, e entre o entrevistador e as crianças, as quais se encontram disponibilizadas ou em fitas eletromagnéticas, VHS e Cd-vídeo (dialeto de Campinas), ou em arquivos MP3 e MP4 (dialeto de Vitória da Conquista), ou em DVD (dialeto de Maceió). Essas

<sup>4</sup> Optei por narrações por serem um gênero mais básico de produção em que o aluno pode fazer uso de todas as pessoas do discurso. Fato que não ocorre nas dissertações onde o aluno é levado a usar somente uma pessoa do discurso (1ª do plural ou 3ª do singular). Além disso, nas séries iniciais quase não são produzidas dissertações.

<sup>5</sup> Os dados de Vitória da Conquista (BA) foram coletados por Camila, Samile Pinto e Tatiane Costa alunas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e bolsistas de iniciação científica da IC-UESB, FAPESB e PIBIC-CNPq, respectivamente. Os dados de Campinas foram coletados por Telma Magalhães para a sua pesquisa de doutoramento.

gravações ocorreram quinzenalmente nos três dialetos do PB, sendo realizadas na residência das crianças e tem duração média de 30 a sessenta minutos.

A transcrição dos dados já gravados será feita com recursos do sistema CHILDES (MACWHINNEY 2000), que possibilita, a partir de uma transcrição codificada, a análise computacional dos dados<sup>6</sup>.

Cada participante do projeto ficará responsável por transcrever os dados, corrigir as transcrições e analisar um tópico específico relacionado ao tópico maior do projeto.

No que respeita ao *corpus* de escrita, o projeto já conta com dois conjuntos de textos. O primeiro conjunto de textos é composto por textos narrativos produzidos por alunos do Ensino Fundamental de instituições da rede pública e privada da cidade de Vitória da Conquista (BA). Os textos foram coletados e digitalizados por Tatiane Costa por ocasião de sua pesquisa de iniciação científica em 2007/2008. O segundo é composto por textos narrativos coletados por Thaysa Barbosa em 2011 por ocasião da sua pesquisa para o mestrado (Barbosa, 2012). O *corpus* conta com textos escritos de alunos dos níveis fundamental I, II e médio da cidade de Maceió (AL), totalizando 100 textos. A coleta dos textos aconteceu com autora intermediando a elaboração das narrações com sugestão de um tema.

Os corpora desta pesquisa pertencem ao Banco de dados do Programa de Estudos Linguísticos –PRELIN- coordenado pela coordenadora deste projeto

---

<sup>6</sup> Para informações detalhadas sobre o Childes, conferir o apêndice A deste relatório.

**CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO APRESENTADO NO PROJETO**

| <b>CRONOGRAMA</b>       |                                    |                                |  |                     |
|-------------------------|------------------------------------|--------------------------------|--|---------------------|
| <b>Nº da atividade*</b> | <b>Trimestres</b>                  |                                |  |                     |
|                         | <b>Primeiro Trimestre</b>          | <b>Segundo Trimestre</b>       | <b>3 Trimestre</b>   | <b>4 Trimestre</b>  |
| 1                       | Transcrição dos dados das crianças | Análise dos dados das crianças | Comparação dos resultados encontrados com a análise dos dados das crianças com aqueles encontrados para a escrita. | Produção de artigos |
| 2                       | Correção das transcrições          | X                              | X  | X                   |
| 3                       | Codificação dos dados das crianças | X                              | X  | X                   |
| 4                       | Correção das codificações          | X                              | X  | X                   |

## ETAPAS EXECUTADAS E/OU METAS ATINGIDAS

As etapas planejadas para esta pesquisa como pode ser observado no cronograma acima foram as seguintes:

### **Primeiro Trimestre:**

1. Transcrição de dados de crianças do Banco de dados do Programa de Estudos; Linguísticos – PRELIN (conferir quadro 1 da metodologia);
2. Correção das transcrições;
3. Codificação dos dados das crianças;
4. Correção das codificações.

- A transcrição dos dados encontra-se ainda em andamento visto que demoramos mais tempo do que o previsto para treinar todos os alunos envolvidos no projeto na utilização do sistema Childes (conferir a seção referente a metodologia). Já conseguimos transcrever, corrigir, codificar (incluindo correções nas codificações feitas) 4 das 10 sessões da criança Gabriel. A transcrição dos dados das outras duas crianças ficou para este ano, uma vez que os alunos já aprenderam a usar o sistema Childes.

### **Segundo Trimestre:**

1. Análise dos dados das crianças.

Conseguimos analisar os dados da criança João (Vitória da Conquista) como poderá ser verificado na seção correspondente aos resultados e discussões.

### **Terceiro Trimestre:**

1. Comparação dos resultados encontrados com a análise dos dados das crianças com aqueles encontrados para a escrita.

Os resultados encontrados com a análise dos dados das crianças foram comparados com resultados de escrita de aprendizes do ensino fundamental II. Os resultados das comparações serão mostrados na seção resultados e discussões.

### **Quarto Trimestre:**

Para esta etapa, propusemos produções de artigos para que possamos divulgar os resultados da nossa pesquisa. Os seguintes artigos estão em fase de elaboração:

1. *“Aspectos da variação morfossintática do português brasileiro e as suas consequências para o ensino do português: o sujeito referencial, o objeto direto e a concordância nominal”*. Este artigo será publicado como capítulo de um livro organizado pelo Prof. Adeilson Sedrins da Universidade Federal Rural de Garanhuns cujo tema é Gramática e Ensino, editora Pipa.
2. *“Teoria Gramatical e Aprendizagem de Gramática”*. Este artigo é fruto de apresentações dos resultados das pesquisas em dois eventos: 1) IV Colóquio em Letras

e Linguística do PPGLL-UFAL, 2017; 2) Jornada itinerante dos 40 anos do Gelne que foi realizada em Aracaju, 2017 (conferir anexos deste relatório).

Como é possível verificar no exposto acima, conseguimos cumprir quase todas as etapas planejadas para a pesquisa. A única etapa que ficou incompleta foi a da transcrição visto que conseguimos transcrever 4 sessões de uma criança e os dados das outras duas crianças não foram transcritos.

Vale ressaltar que além das etapas descritas no cronograma acima, propusemos as seguintes metas para a pesquisa:

1. Formar pessoal especializado para a elaboração de material didático e para aplicação do conteúdo desse material.
2. Fazer parcerias com escolas do ensino fundamental e médio de comunidades carentes de Maceió – Alagoas para futuras pesquisas;
3. Envolver alunos da graduação, da pós-graduação e professores de escolas parceiras na elaboração do material e em sua aplicação.

Podemos afirmar que metas acima foram atingidas. Uma de nossas alunas de iniciação científica, Camilla Castro, vem aplicando testes em aulas de do PAESP-Ufal para verificar o conhecimento que os alunos tem no que tange às construções relativas e a concordância nominal e verbal (a descrição do teste consta nos anexos deste relatório).

Quanto a parceria com escola do ensino fundamental, estamos conversando com uma das coordenadoras pedagógicas da escola Estadual Major Eduardo Emiliano da Fonseca, que fica no bairro do Vergel do Lago, para vermos a possibilidade de realizar um trabalho lá.

Quanto a terceira meta, já há alunos da graduação envolvidos no trabalho (conferir os certificados de apresentação de trabalhos nos anexos deste relatório) e esperamos envolver alunos da pós-graduação também.

## RESULTADO E DISCUSSÃO

Avanços teóricos, experimentais ou práticos obtidos pela pesquisa

Como exposto na introdução deste relatório, muitas pesquisas tem buscado evidenciar as diferenças existentes entre o conhecimento gramatical que os brasileiros adquirem na fixação de sua gramática do português em situação natural de aquisição (sua gramática nuclear)<sup>7</sup> e aquela que aprendem em situação formal na escola (CORREA, 1991; CORREA 1999a; CORREA, 1999b; KATO, 1999; KATO, 2005; MAGALHÃES, 2000b; Magalhães, 2008b; Costa e Magalhães, 2010; TARALLO, 1993). Kato (2005:131) chega a afirmar que *“No Brasil, ao contrário do que ocorre em Portugal, a gramática da fala e a “gramática” da escrita apresentam uma distância de tal ordem que a aquisição desta pela criança pode ter a natureza da aprendizagem de uma segunda língua. A situação é ainda mais problemática porque não há estudos comparativos entre o conhecimento linguístico que a criança traz para a escola e o conhecimento dos letrados contemporâneos, comparação essa que poderia auxiliar a escola em sua tarefa de letramento”*.

As pesquisas citadas acima mostram que uma criança brasileira que vai a escola aprender o português formal domina uma gramática do português muito diferente daquela que verá nas aulas de português. Muito do que é ensinado aos alunos em aulas de gramática na escola fazem parte de gramáticas de tempos remotos da Língua Portuguesa, não sendo encontradas nem mesmo no Português Europeu atual.

Nas próximas seções deste relatório, serão apresentados os resultados dos estudos comparativos entre o conhecimento do português brasileiro que a criança traz para a escola e o conhecimento que o estudante apresenta após anos de aprendizagem do português na escola realizados nesta pesquisa.

Serão apresentados os resultados de dois aspectos da sintaxe do PB: o sujeito gramatical, o objeto direto. A escolha desses dois aspectos se justifica em virtude do fato de as pesquisas linguísticas afirmarem que tais aspectos do português se encontram em a variação na língua (caso do sujeito gramatical) ou desapareceram (caso dos clíticos de terceira pessoa em posição de objeto direto).

Passemos, então, aos resultados encontrados.

### 1. O Sujeito nulo nos dados de aquisição e de escrita

Os trabalhos sobre o uso de sujeito nulo na gramática natural do PB atestam que essa língua vem perdendo a capacidade de licenciar o sujeito nulo referencial. Dentre estes trabalhos, destaca-se como um trabalho de referência Duarte (1995) que, analisando amostras de fala de adultos, mostrou a preferência dos falantes do PB pelo uso dos sujeitos expressos. Dos sujeitos de referência definida, 29% apresentaram o sujeito nulo (1a), enquanto 71% o sujeito fonologicamente realizado (1b). Segundo Duarte (1995), os resultados de sua análise revelam que o PB convive com um sistema agonizante, em que ainda se refletem as características de uma língua que permite o

---

<sup>7</sup> Assumimos, aqui, hipótese inatista para a aquisição de linguagem (Chomsky, 1981 e seguintes).

apagamento do sujeito e um sistema em desenvolvimento que não permite o referido apagamento.

- (1) a. Comprei flores.  
b. Eu comprei flores.

As pesquisas mostram, ainda, que a redução no uso do sujeito nulo referencial no PB aconteceu porque esta língua teria deixado de ser uma língua de flexão rica, tendo essa mudança começado com a perda da segunda pessoa (cf. Galves, 1990 e Duarte, 1993). Assim, a redução no paradigma flexional do PB - de 6 formas distintas que representam a expressão da combinação entre os traços de número e pessoa para um paradigma com 3 formas, graças também à perda da 1ª pessoa do plural<sup>8</sup>- levou a um empobrecimento da flexão e conseqüentemente a uma redução no uso do sujeito nulo referencial:

Tabela 1 - Evolução nos paradigmas flexionais do PB (DUARTE, 1993: 109)

| PESSOA      | NÚMERO | PARADIGMA 1 | PARADIGMA 2 | PARADIGMA 3 |
|-------------|--------|-------------|-------------|-------------|
| 1ª          | Sing.  | Cant-o      | Cant-o      | Cant-o      |
| 2ª direta   | Sing.  | Canta-s     | _____       | _____       |
| 2ª indireta | Sing.  | Canta-0     | Canta-0     | Canta-0     |
| 3ª          | Sing.  | Canta-0     | Canta-0     | Canta-0     |
| 1ª          | Plur.  | Canta-mos   | Canta-mos   | Canta-0     |
| 2ª direta   | Plur.  | Canta-is    | _____       | _____       |
| 2ª indireta | Plur.  | Canta-m     | Canta-m     | Canta-m     |
| 3ª          | Plur.  | Canta-m     | Canta-m     | Canta-m     |

No que respeita aos dados da gramática formal do PB, Magalhães (2000) afirma que a produção linguística das crianças nas séries iniciais ainda reflete a gramática adquirida durante o processo de aquisição, isto é, elas não foram afetadas de maneira significativa pela escola. São as séries finais que começam a apresentar as modificações implantadas pela escolarização, conforme a tabela 2:

Tabela 2: O sujeito nulo na aquisição e durante a escolarização (adaptada de MAGALHÃES, 2000a; 2000b)

| DADOS     | N/T <sup>9</sup> | %  |
|-----------|------------------|----|
| aquisição | 139/350          | 40 |
| 3ª série  | 95/187           | 51 |
| 4ª série  | 95/197           | 48 |
| 7ª série  | 23/47            | 49 |
| 8ª série  | 37/43            | 86 |

<sup>8</sup> Segundo Duarte (1993) o paradigma com a 1ª. pessoa do plural restringe-se à língua escrita ou à fala de uma geração situada numa faixa etária mais alta. No entanto, vale a pena ressaltar que há dialetos que ainda apresentam a 1ª pessoa do plural na língua falada.

<sup>9</sup> Numerador (N)= número de ocorrências de sujeito nulo; denominador (T)= Total geral de sujeitos.

Segundo Magalhães (2000a, 2000b), os resultados apresentados pelos dados de aquisição e de escrita com relação ao uso do sujeito pronominal nulo vs pleno revelam que há uma participação decisiva da escola no uso que se faz do sujeito nulo na escrita. No entanto, o êxito da escola na manutenção dos nulos na escrita é parcial, haja vista que em alguns contextos o uso de formas plenas já está tão avançado que a escola não consegue barrá-lo<sup>10</sup>:

(2) “**Cv**<sub>1</sub> vou pedir uma ordem ao médico porque **eu**<sub>1</sub> não agüento ver você sofrer mais.” (7ª série) (MAGALHÃES, 2000a:4)

Magalhães (2000b) afirma que as produções escritas das crianças estão recheadas por uma mistura de formas que refletem a confusão entre a gramática que o aluno traz para a escola (sua gramática internalizada) e as regras que lhe são ensinadas no processo de escolarização.

Nesta pesquisa buscamos fazer uma comparação entre a produção do sujeito nulo nos dados de aquisição inicial do PB e a produção de sujeitos nulos em dados de escrita de estudantes do ensino fundamental II. Nosso objetivo era verificar se com o aprendizado da gramática do português na escola, as crianças trariam para as suas produções espontâneas formas gramaticais não mais encontradas na gramática natural do PB em virtude do processo de mudança linguística por que vem passando o PB.

Com relação aos dados de aquisição, a criança analisada produziu mais sujeitos nulos de 3ª pessoa do singular<sup>11</sup>, não são encontrados sujeitos nulos de 2ª pessoa e os de 1ª pessoa são encontrados em menores quantidades, como pode ser observado no gráfico 1:

Gráfico 1: ocorrências de sujeito nulo por pessoa gramatical em porcentagem.



Adaptado de Lima (2018: 10)

<sup>10</sup> Para maiores detalhes, conferir Magalhães (2000).

<sup>11</sup> Vale ressaltar que a criança já saiu da fase de produção generalizada de 3ª pessoa na qual usa sujeitos de 3ª pessoa para todas as pessoas. Como se verifica no gráfico, a criança já produz a 1ª pessoa do singular.

Esse é um resultado compatível com aqueles encontrados por pesquisas que analisaram dados de falantes adultos da gramática do PB. Segundo Duarte (1995), os adultos produzem mais sujeitos nulos de 3ª pessoa. O que é intrigante quando se afirma que a morfologia do PB está enfraquecendo e, por esse motivo, os sujeitos nulos referenciais estão desaparecendo do PB, porque é justamente naquela pessoa cujo morfema não é realizado fonologicamente que há a maior produção de sujeitos nulos. O esperado é que houvesse mais sujeitos nulos de 1ª pessoa já que nesta o morfema ainda é realizado<sup>12</sup>. Observe-se que a criança analisada nesta pesquisa já produz sujeitos de 1ª pessoa como mostram os exemplos abaixo:

2. a. \*JOA: vo(u)bota(r)[=colocar] aqui oh @i.  
%syn:(1)0suj 1vaux 1/1 pres 1vinf
- b. \*JOA: falei .  
%syn:(1)0suj 1v 1/1 pass 0obj
- c. \*JOA: quero não.  
%syn:(1)0suj 1v 1/1 pres 2 neg

(exemplos de Lima, 2018: 10)

É possível concluir que a criança analisada nesta pesquisa opta por apagar sujeitos quando estes são de 3ª pessoa em sentenças simples, uma vez que ela não produz sentenças encaixadas ainda<sup>13</sup>:

3. a. \*JOA:(es)tá lá na casa de Leu .  
%syn:(1)0suj 1vestar 3/3 pres
- b. \*JOA:(es)tá lá # na casa de Dinda.  
%syn:(1)0suj 1vestar 3/3 pres 0obj
- c. \*JOA:(es)tá na casa de Miguel.  
%syn:(1)0suj 1vestar 3/3 pres

(exemplos de Lima, 2018: 10)

Quanto aos dados da escrita, Lima (2016) mostra que os estudantes preferem preencher o sujeito quando a pessoa em questão é 3ª do singular (exemplo 4) e quando há o uso de sujeito nulo, a preferência é pela 1ª pessoa do plural (exemplo 5):

4. a. M.R.A.S: “Ela foi correndo, **cv** pegou o avião...” (7º ano).

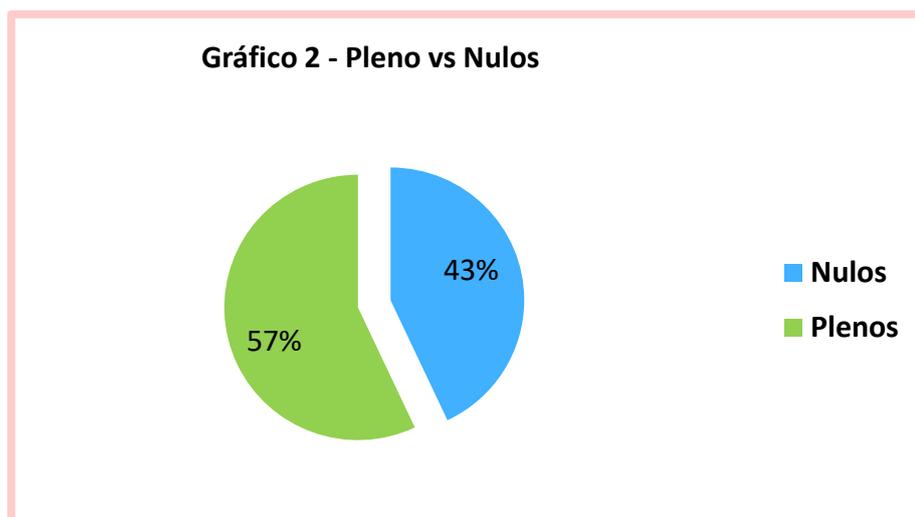
<sup>12</sup> A pergunta a se fazer é: quando se fala em morfologia enfraquecida, faz-se referência a inexistência pura e simples de morfemas ou ao enfraquecimento de traços formais. Parece óbvio que são os traços formais os que têm relevância para a aquisição de uma gramática. Essa questão é o foco de etapas futuras da pesquisa.

<sup>13</sup> Algumas pesquisas afirmam que os únicos sujeitos nulos possíveis em PB são aqueles encontrados em sentenças encaixadas como “João disse que **cv** vem” onde a categoria vazia (**cv**) tem um referente na sentença matriz “João” (cf. Ferreira, 2000).

- b. A.F.S: “E **ela** começou a narrar uma perseguição...” (8º ano).  
 c. L.M.R.S: “**Ele** acordou e **cv** começou a rir...” (9º ano).
5. a. C.B.A: “Quando **cv** descemos para o subsolo havia dois homens.” (6º ano).  
 b. C.H.B.S: “**Cv** fomos para o quarto... (7º ano)  
 c. A.G.L: “**Cv** ouvimos de novo só que mais alto **cv** fomos olhar o que estava acontecendo. (8º ano)

(exemplos de Lima, 2018: 12)

De uma forma geral, os estudantes preferem preencher a apagar os sujeitos:



Adaptado de Lima (2018: 12)

Lima (2018) afirma que quando se compara os resultados da aquisição com os resultados encontrados na escrita dos alunos do ensino fundamental 2, chega-se à conclusão de que os alunos do ensino fundamental preferem preencher a posição do sujeito quando usam a 3ª pessoa do singular, enquanto a criança prefere apagar o sujeito de 3ª pessoa do singular. No que tange à 1ª pessoa do plural, não é possível fazer qualquer afirmação uma vez que a criança analisada por ela ainda não adquiriu o paradigma do plural.

Podemos, a partir dos resultados apresentados acima, tecer algumas observações quanto a produção de sujeitos nulos na escrita dos estudantes do ensino fundamental:

1. Os estudantes parecem não está seguindo as regras da gramática normativa em seus textos escritos, pois preenchem sujeitos onde a GN prescreve que é preciso apagá-los;
2. Preenchem, inclusive, sujeitos que são apagados nas produções espontâneas dos falantes do PB segundo as pesquisas. Caso da 3ª pessoa do singular;

3. Se for verdade que a escola é responsável por recuperar perdas linguísticas ocasionadas por mudanças nas línguas, não parece ser o caso aqui;
4. Kato (2005) afirma que muitas vezes os estudantes produzem formas linguísticas não encontradas em momento algum da história do português em virtudes de regras ensinadas nas escolas, mas não compreendidas pelos aprendizes. Parece que estamos diante de um caso em que, mesmo em contextos onde os falantes brasileiros apagam os sujeitos, os aprendizes preenchem-nos. Esse pode ser a consequência de uma hipercorreção resultante de prescrições que carecem de explicações mais detalhadas e melhor exploradas pela escola.
5. Quando se compara os resultados da criança analisada aqui e das pesquisas sobre sujeito nulo no PB com os resultados encontrados nos dados de escrita, verifica-se que os estudantes chegam ao final do ensino fundamental e só conseguiram entender a regra de apagamento do sujeito quando se trata da 1ª pessoa do plural. Com relação à terceira pessoa, os aprendizes usam uma estratégia que não se encontra nem na sua língua-alvo (o PB) nem nas normas da gramática normativa.
6. É preciso se perguntar se os poucos casos sujeitos nulos que ainda são encontrados na escrita não seriam uma consequência deste fenômeno estar em variação no PB. Assim sendo, os sujeitos nulos que aparecem na escrita seriam aqueles que o falante usa em sua gramática natural.
7. O próximo passo da pesquisa é investigar todas as estratégias de sujeitos nulos usadas pelo falante do PB em suas produções espontâneas para que se possa compreender melhor o que está acontecendo na escrita.

## 2. O objeto direto nos dados de aquisição e de escrita<sup>14</sup>

Como foi dito anteriormente, um dos exemplos mais elementares da diferença que há entre a língua que nós, brasileiros, adquirimos naturalmente e a língua que é ensinada na escola formalmente é o uso de clítico de terceira pessoa. Portanto, nesta seção, serão apresentados os resultados de análises de dados tanto de aquisição quanto de aprendizagem do PB, no intuito de verificar o que a criança leva de conhecimento de língua para a escola e o que ela apresenta após anos de escolarização.

No que diz respeito às estratégias de realização de objeto direto anafórico no português brasileiro (PB), os resultados de aquisição e de aprendizagem são bastante interessantes e esclarecedores.

Começando pelos dados de aprendizagem, no trabalho de pesquisa de iniciação científica (PIBIC 2015/2016), foram utilizados dados de crianças da cidade de Maceió em fase de escolarização. O *corpus* foi formado por 42 textos, de 1 lauda cada, no qual obtivemos 21 ocorrências de objeto direto anafórico. As estratégias encontradas foram as seguintes:

### 1 – Uso de clítico acusativo:

*“Fomos a uma livraria, mas não achamos o livro que queríamos. Enfim, desistimos de compra-lo”.*

*“Eu praticamente fiz de tudo para ela ‘sai’, eu a subornei.”*

---

<sup>14</sup> Os resultados apresentados nesta seção são das pesquisas realizadas por Juarez Barbosa Bezerra Júnior em sua Iniciação Científica no período de 2015, 2016 e 2017.

## 2 – Uso de pronome tônico:

“Eram três amigas, meu tio deixou eu convidar elas.”

“Porque ele também conhecia elas.”

## 3 – Repetição do sintagma nominal:

“Nós tomamos o café e já íamos começar a se trocar quando o telefone tocou. Engraçado que logo o meu pai que atendeu o telefone.”

“Tudo fica completamente escuro, corro para abrir a porta, mas alguém ou ‘auguma’ coisa trancou a porta.”

## 4 – Objeto nulo:

“De repente, eu alguma coisa na parte de trás de sua calça jeans. Uma pistola! Cutuquei Nathália e ela também cv<sup>15</sup> viu”.

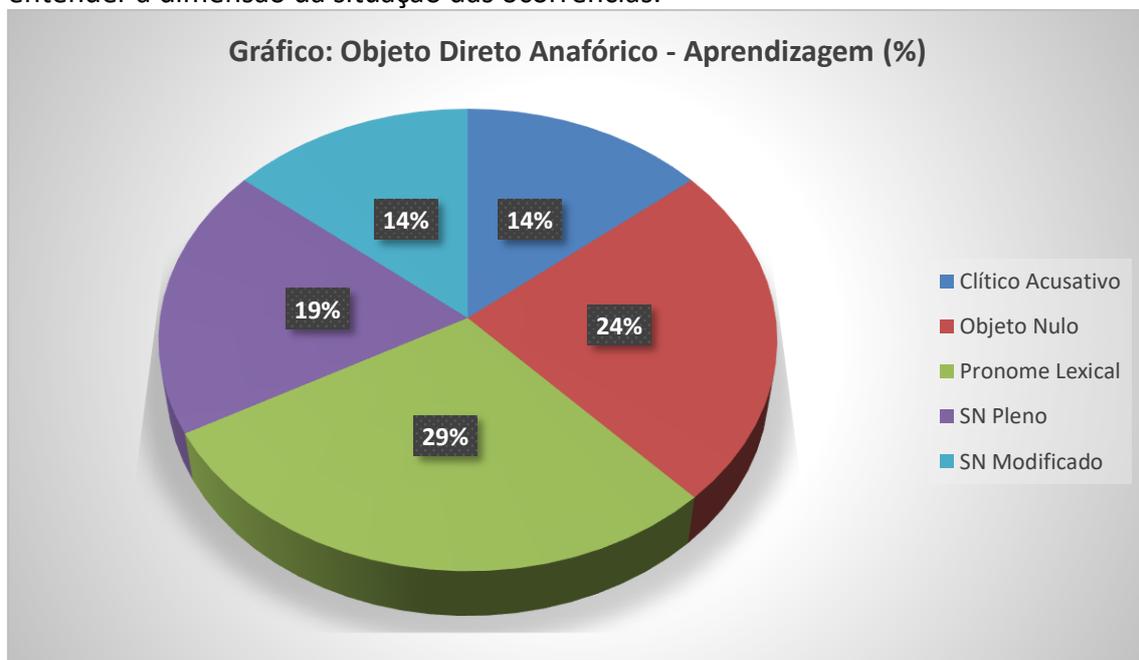
“Já era noite e todos cansados, tiramos as malas, colocamos cv nos quartos e fomos tomar café.”

## 5 – Sintagma nominal modificado:

“Estava eu e mais dois amigos, Sarah e Lucas Buarque, fazendo trabalho de português na minha casa, quando acabamos de fazer o citado trabalho...”

“Eu fui para Brasília no Natal. Assim que cheguei, eu achei muito linda a cidade.”

Das 21 ocorrências encontradas, 16 foram de objeto preenchido (76%) e 5 de objeto nulo (24%). Das 16 ocorrências com preenchimento, 3 foram com clítico acusativo, 6 com pronome tônico *ele*, 4 com repetição do sintagma nominal e 3 com sintagma nominal modificado. A representação gráfica em porcentagem ajuda a entender a dimensão da situação das ocorrências:



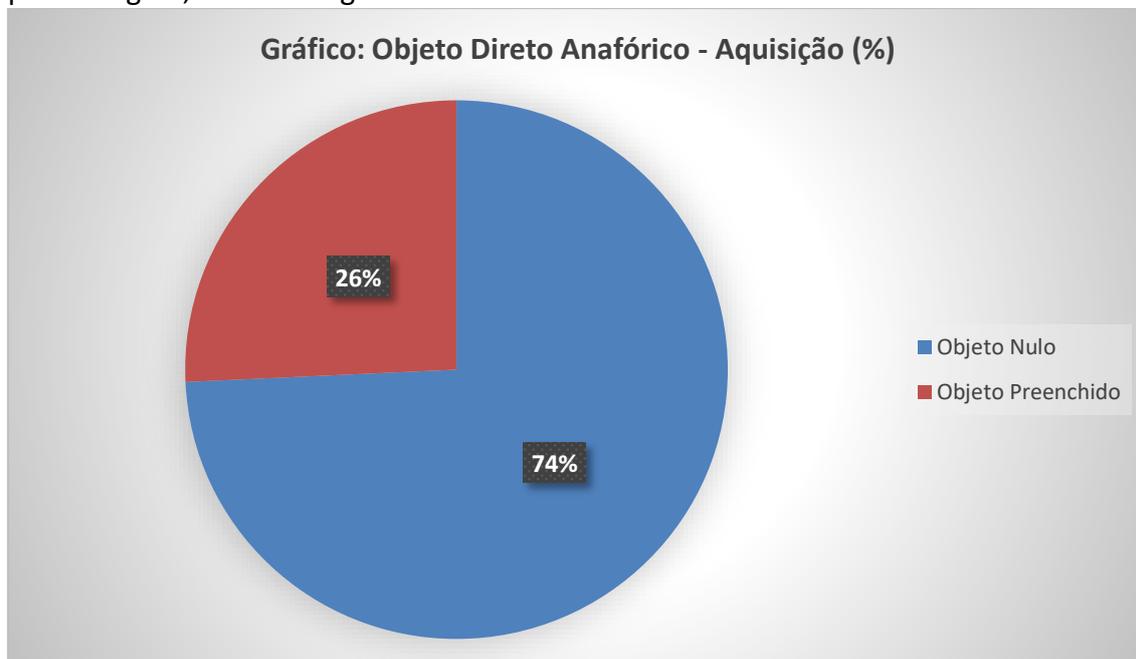
<sup>15</sup> Cv = categoria vazia

O que nos chamou bastante a atenção nestes resultados foi a preferência pelo preenchimento da posição do objeto direto anafórico com o uso do pronome tônico de terceira pessoa *ele* em oposição ao uso do clítico de terceira pessoa onde as ocorrências foram muito baixas, corroborando com a hipótese de que os clíticos de terceira pessoa estão desaparecendo do português brasileiro, como afirmam CYRINO (1994) e PAGOTTO (1993), entre outros pesquisadores.

Com relação à aquisição, no trabalho de pesquisa de iniciação científica (PIBIC 2016/2017), foi realizada a análise de produções espontâneas de uma criança brasileira em fase de aquisição de língua e, posteriormente, os resultados foram confrontados com os resultados da pesquisa realizada com dados de aprendizagem acima mencionados.

O *corpus* foi formado por dados de uma criança brasileira da cidade de Vitória da Conquista – BA, cuja coleta ocorreu quando a criança tinha entre 2 anos e 3 anos e meio de idade. As gravações foram transcritas no programa CLAN, recurso do sistema CHILDES (MacWhinney 2000), assim como a codificação.

Após a rodagem dos dados pelo CLAN, obtivemos 171 ocorrências de objeto direto anafórico, sendo 127 de objeto nulo e 44 de objeto preenchido. Em porcentagem, temos o seguinte:



Como se pode ver, diferentemente da criança em fase de aprendizagem, a criança em fase de aquisição de língua deu larga preferência pelo apagamento da posição de objeto.

Entretanto, com relação às estratégias de preenchimento, das 44 ocorrências, 38 foram de repetição do sintagma nominal e 6 com sintagma nominal modificado. Em nenhum momento, o informante usou como estratégia o clítico de 3ª pessoa ou o pronome tônico *ele*.

Comparando os resultados das duas pesquisas, chegamos à conclusão de que há semelhanças e diferenças entre a criança em fase de aprendizagem e a criança em fase de aquisição de língua. A semelhança fica por conta de que tanto a criança em fase de aquisição quanto a criança em fase de escolarização possuem estratégias de

realização de objeto direto anafórico que substituem o clítico de 3ª pessoa, sendo que a criança em fase de escolarização deu ampla preferência pelo pronome tônico *ele* ao passo que a criança em fase de aquisição deu ampla preferência pela repetição do sintagma nominal. A diferença fica por conta de que a criança em fase de aquisição apagou mais posição de objeto direto anafórico ao passo que a criança em fase de aprendizagem, pelo menos na modalidade escrita, deu larga preferência ao preenchimento.

Com relação à estratégia de realização de objeto direto anafórico, nos dados das crianças em fase de escolarização, foram encontradas 3 ocorrências. Mesmo que tenham sido poucas ocorrências, tais dados nos mostram que, sim, a escola é capaz de recuperar estruturas que não fazem mais parte da gramática nuclear do português brasileiro, além de permitir que a criança aprenda estratégias diferentes de realização de objeto direto anafórico.

Com relação ao uso dos clíticos de 3ª pessoa, é possível afirmar que os falantes brasileiros não usam mais esta estratégia em sua língua natural. Como afirma Correa (1991), para que os clíticos de 3ª pessoa sejam usados na escrita dos brasileiros, é preciso muitos anos de escolarização. Nos dados de escrita analisados nesta pesquisa, vimos que são muito poucos os casos de clíticos preenchendo a posição de objeto direto. Os estudantes usaram pronomes tônicos de terceira pessoa na posição de objeto direto, opção é barrada pela gramática normativa. Verifica-se, portanto, que a escola tem imensas dificuldades para fazer os estudantes usarem na escrita formas que se perderam com a mudança linguística.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, buscamos mostrar, com base na análise de dois aspectos da gramática do PB, o conhecimento linguístico que a criança traz para a escola e o conhecimento linguístico que o falante demonstra após anos de aprendizado do português na escola.

Os resultados de pesquisas expostos na seção anterior mostram que há uma distância muito grande entre a gramática do PB e aquela que se ensina na escola.

Sabe-se que o domínio das estruturas linguísticas definidas como exemplares, e são justamente essas a serem aprendidas na escola, constituem-se como pré-requisito para que o estudante alcance êxito profissional. Por isso, torna-se imprescindível que os professores de língua portuguesa tenham conhecimento da realidade linguística do aluno para que o utilizem como ferramenta de apoio constante no processo de ensino do português.

O fato é que as crianças entram na escola com um conhecimento do português e são apresentadas a uma gramática do português que não faz mais parte de sua realidade linguística. O choque entre o que ela sabe e o que ela deve aprender resulta numa produção escrita que não condiz com o que é esperado para um texto escrito. Na verdade, resulta numa miscelânea de formas que refletem a falta de compreensão do estudante do que é aprender português na escola.

Se o professor tem conhecimento da realidade linguística do aluno, será mais fácil orientá-lo no processo de produção textual.

Em Magalhães (2008b), propus que o professor de língua portuguesa utilize as informações das pesquisas linguísticas sobre o PB como subsídio para o ensino efetivo da língua na escola. A ideia, que não é nova, é que as pesquisas linguísticas saiam das academias e sirvam de suporte ao professor de língua materna. Após, vários anos de pesquisa, tenho certeza de que esse é o caminho a ser seguido.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, T. O. *O comportamento sintático do pronome nós e sua variante a gente: um panorama desse processo antes e depois da escolarização dos falantes*. 2012. *Qualificação* (Mestrado em Letras e Linguística)- UFAL, Maceió.
- BEZERRA, Jr. J. B. A produção de clíticos em dados de aquisição de crianças brasileiras Relatório Final. 2017. (Programa de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC) – UFAL – Maceió.
- 2017 (Programa de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC) – UFAL – Maceió.
- CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht, Foris, 1981.
- CHOMSKY, N. *The knowledge of language: its nature, origin and use*. Praeger: New York, 1986.
- CORRÊA, V. R. *Objeto direto nulo no português do Brasil*. UNICAMP: Dissertação de Mestrado, 1991.
- CORRÊA, V. R. . Aprendendo a relativa padrão na escola. *Caderno de Estudos Lingüísticos*. Campinas, n. 36. jan./jun. p. 71-83, 1999a.
- CORRÊA, V. R. Oração relativa: o que se fala e o que se aprende no português do Brasil. *Sínteses – Revista dos Cursos de Pós-Graduação*. v. 4. p. 87-100, 1999b.
- COSTA, T e T.M.V. MAGALHÃES. A aquisição e a aprendizagem de pronomes no português brasileiro. *Artigo apresentado no I Seminário de Estudos Lingüísticos e Literários - I SELL*, 2007.
- COSTA, T e T.M.V. MAGALHÃES. Ocorrências pronominais em português brasileiro: da aquisição ao ensino fundamental. In: Moura, M. D. (org). *Novos Desafios da Língua: pesquisas em língua falada e escrita*. Maceió: EDUFAL, p. 671-674, 2010.
- CYRINO, S. M. L. Observações sobre a mudança diacrônica no Português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I. e M. A. KATO (orgs). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica (Homenagem a Fernando Tarallo)*. Campinas: Editora da UNICAMP, p.163-184, 1993.
- CYRINO, S. M. L. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*.1994. Tese (Doutorado em Linguística), UNICAMP, Campinas. (Publicada em 1997 pela Ed. da Universidade Estadual de Londrina, Londrina PR.).
- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil. In: ROBERTS, I. e M. A. KATO (orgs). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica (Homenagem a Fernando Tarallo)*. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 107-128,1993.
- DUARTE, M. E. L *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – UNICAMP, Campinas.
- FERREIRA, M. B. *Argumentos nulos em português brasileiro*. 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UNICAMP, Campinas.
- GALVES, C.V-movement, levels of representation and the structure of S. Texto apresentado no 13o. Colóquio do GLOW, Cambridge (UK). Publicado em 1994, em *Letras de Hoje*, Porto Alegre, vol. 96, 35-58.1990.
- KATO, M.A. Aquisição e aprendizagem da língua materna: de um saber inconsciente para um saber metalingüístico. In: MORAES, J. e L. GRIMM-CABRAL (orgs). *Investigações à linguagem: ensaios em homenagem a Leonor Scliar-Cabral*. Florianópolis: Editora Mulher, p. 201-225, 1999.

- KATO, M.A. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, M.A.; J.T. KOLLER; A. S. LEMOS (orgs). *Ciências da linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga, CEHUM (U. do Minho), p. 131-145, 2005.
- KAYNE, R. S. Microparametric Syntax: some introduction remarks. In: BLACK, J. R. e V. MOTAPANYANE (eds). *Microparametric Syntax and Dialect Variation*. Benjamins, Amsterdam, ix-xviii, 1996.
- KAYNE, R. S. . *Parameters and Universals*. New York: Oxford University Press, 2000.
- LIMA, G.C.A. A realização do sujeito em produções espontâneas de crianças e jovens de 10 a 14. Relatório Final. 2016 (Programa de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC) – UFAL – Maceió.
- LIMA, G.C. A. A produção de sujeitos nulos em dados de aquisição de uma criança brasileira. Relatório Final. 2018. (Programa de Bolsas de Iniciação Científica – FAPEAL)-Maceió.
- MAGALHÃES, T. M. V Os pronomes sujeitos nulos na escrita. *Artigo apresentado no XVIII GELNE – UFBA*, 2000a.
- MAGALHÃES, T. M. V. *Aprendendo o Sujeito Nulo na Escola*. 2000b. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UNICAMP, Campinas.
- MAGALHÃES, T. M. V. *O sistema pronominal sujeito e objeto na aquisição do Português Europeu e do Português Brasileiro*. 2006a. Tese (Doutorado em Linguística) – UNICAMP, Campinas.
- MAGALHÃES, T. M. V. *Os Pronomes Sujeito e Objeto na Aquisição do Português Brasileiro e do Português Europeu*. Projeto de Pesquisa. UESB/CNPq, 2006b.
- MAGALHÃES, T. M. V. *Os Pronomes Sujeito e Objeto na Aquisição do Português Brasileiro e do Português Europeu*. Projeto de Pesquisa. UFAL/CNPq, 2008a.
- MAGALHÃES, T. M. V. As diferenças entre gramática da fala e a “gramática” da escrita no Português Brasileiro e suas consequências para o ensino da língua. *Revista Gelne*. Vol.10, nº 1/2. p. 45-52, 2008b.
- PAGOTTO, E. G. 1993. Clíticos, mudança e seleção natural. In: I. Roberts & M. A. Kato (orgs), *Português brasileiro: uma viagem diacrônica (Homenagem a Fernando Tarallo)*, 185-206. Campinas: Editora da UNICAMP.
- TARALLO, F.(1996) Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d’aquém e d’além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I. e M. A. KATO (orgs). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica (Homenagem a Fernando Tarallo)*. Campinas: Editora da UNICAMP, 69-105, 1993.